

## As “velhas assanhadas” na literatura pornográfica de Hilda Hilst: construções do protagonismo feminino em *Berta & Isabô: um fragmento pornogeriátrico rural*

*Las "viejas libidinosas" en la literatura pornográfica de Hilda Hilst: construcciones del protagonismo femenino em Berta & Isabô: um fragmento pornogeriátrico rural*

Submetido em: 29/06/2023

Aceito em: 17/08/2023

Rian Lucas da Silva<sup>1</sup>  
Girleene Marques Formiga<sup>2</sup>

**Resumo:** À primeira vista, pode até parecer que a temática da “velha assanhada” seja recente, no entanto essa representação já era visível desde o século VII a.C., em Arquíloco, até chegar ao século XIII, por intermédio das cantigas medievais de Guilhade, conforme defende Visnadi (2015). Sob esse prisma, este estudo parte do entendimento de que é necessário discutir sobre a condição do envelhecimento feminino justamente por ser um tema universal que diz respeito ao ser humano e, nessa perspectiva, tomamos a Literatura para trazer à tona representações de imagens de personagens deslocadas dos clichês impostos pela sociedade à qual pertencem. Assim, objetiva-se analisar o protagonismo senil de duas personagens idosas, a fim de compreender construções e contrastes acerca da questão da velhice feminina. Para isso, estabelecemos como objeto de análise o texto teatral pornográfico *Berta & Isabô: um fragmento pornogeriátrico rural*, de Hilda Hilst, inserido na obra *Pornô Chic* (2014), publicado pela editora Globo. Metodologicamente, o estudo se pautou em uma pesquisa qualitativa de base bibliográfica, fundamentada em estudos teóricos da própria Literatura e da Filosofia. Após as análises empreendidas, constatamos que as idosas representadas na tessitura literária hilstiana representam um universo da velhice feminina às avessas, pois as personagens são libertinas e descompromissadas de moldes e padrões tidos como normais por uma sociedade ainda machista e patriarcal, portanto merecedora de uma revisão do status quo de cada um em prol de uma construção social e culturalmente incluyente da sexualidade das mulheres na velhice.

**Palavras-chave:** Velhice feminina; Velhas assanhadas; Literatura contemporânea. Hilda Hilst.

**Resumen:** A primera vista, incluso puede parecer que el tema de la "vieja libidinosa" es reciente, sin embargo, esta representación ya era visible desde el siglo VII antes de Cristo, en Arquíloco, hasta llegar al siglo XIII, a través de las canciones medievales de Guilhade, como argumenta Visnadi (2015). Desde esta perspectiva, este estudio parte de la comprensión de que es necesario discutir la condición del envejecimiento femenino precisamente porque es un tema universal que concierne al ser humano y, en esta perspectiva, tomamos la Literatura para sacar a la luz representaciones de imágenes de personajes desplazados de los clichés impuestos por la sociedad a la que pertenecen. Así, pretendemos analizar el protagonismo senil de dos personajes ancianos para comprender construcciones y contrastes sobre la cuestión de la vejez femenina. Para ello, establecemos como objeto de análisis el texto teatral pornográfico *Berta & Isabô: um fragmento pornogeriátrico rural*, de Hilda Hilst, inserto en la obra *Pornô Chic* (2014), publicada por Globo. Metodológicamente, el estudio se basó en una investigación cualitativa de base bibliográfica, fundamentada en estudios teóricos de Literatura y Filosofía. Después del análisis realizado, encontramos que las ancianas representadas en la textura literaria hilstiana representan un universo de la vejez femenina al revés, pues los personajes

<sup>1</sup> Graduado em Letras pelo IFPB; pós-graduando em Docência pelo IFMG. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9371187473439297>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-3810-6316>. E-mail: rian.pd2013@gmail.com

<sup>2</sup> Professora doutora titular do IFPB, com atuação na Licenciatura em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9647640348369100>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-4988-7699>. E-mail: girleene.formiga@ifpb.edu.br

son libertinos y descomprometidos de moldes y estándares tomados como normales por una sociedad todavía sexista y patriarcal, mereciendo, por lo tanto, una revisión del status quo de cada una en favor de una construcción social y culturalmente inclusiva de la sexualidad de la mujer en la vejez.

**Palabras clave:** Vejez femenina; Viejas libidinosas; Literatura contemporánea. Hilda Hilst.

### Considerações iniciais

“A velha assanhada” compreendida e representada como uma anciã (in)devidamente sexuada, trata-se de uma temática que já percorre a história da literatura desde o século VII a.C., em Arquíloco; depois, em Horácio e Marcial, até chegar ao século XIII, por meio das cantigas medievais de Guilhade; e, no século XVII, em Quevedo, conforme ilustra Visnadi (2015).

Partindo desse cenário, o presente artigo insere-se na produção literária de autoria feminina contemporânea, por meio da escritora paulista Hilda Hilst, com o intuito de analisar o protagonismo senil de duas personagens idosas, a fim de compreender construções e contrastes acerca da condição da velhice feminina. Para isso, tomamos como objeto de análise o texto teatral pornográfico *Berta & Isabô: um fragmento pornogerátrico rural*, inserido na obra *Pornô Chic* (2014), publicado pela editora Globo. Ilustrada por Millôr Fernandes, Jaguar, Laura Teixeira e Veridiana Scarpelli, essa obra reúne fortuna crítica de críticos diversos, como Humberto Werneck, Alcir Pécora, João Adolfo Hansen, Jorge Coli, Eliane Robert de Moraes e entrevista a Caio Fernando Abreu. Além disso, a obra contém os quatro livros pornográficos da escritora – incluindo um texto inédito, foco de análise neste estudo.

A escolha pela obra tomada deu-se pelo fato de se tratar de uma produção literária recente, não tão conhecida por parte do público e pela academia e, também, por se apresentar como um texto benéfico ao cumprimento dos objetivos aqui pretendidos, uma vez que sua estrutura literária centra-se na representação de personagens mulheres convivendo com a velhice e seus desmembramentos. Além dessas justificativas, apontamos ainda a escolha específica seguindo o posicionamento de Pugina (2022), para quem a escrita hilstiana, ao conseguir trazer à baila personagens femininas inquiridoras de padrões, permite que sejam (re)feitos questionamentos políticos sobre a misoginia e o silenciamento feminino.

No que tange à relevância de aprofundamento de estudos na questão da velhice, acreditamos, assim como Miller (2001), que trabalhar a temática do

envelhecimento, sobretudo de base feminina, “é de particular interesse para a fenomenologia do corpo porque envelhecer, obviamente, é um processo que todos os seres humanos experienciam. Como criaturas encarnadas, todos envelhecemos” (Miller, 2001, p. 129). Daí a importância, portanto, de se destinar um olhar mais atento à velhice que, por vezes, é negada ao sujeito e, constantemente, silenciada pela coletividade que insiste a considerar tal realidade como o fim da felicidade e, por vezes, até como uma aberração.

Metodologicamente, utilizamo-nos de pesquisa qualitativa bibliográfica de cunho exploratório, por meio da qual as análises puderam ser construídas a partir de estudos teóricos da própria Literatura, com Rosana Letícia Pugina, Alcir Pécora e Eliane Robert de Moraes; e de estudos da Filosofia, com Simone de Beauvoir.

Por fim, consideramos essenciais o papel e o poder de representatividade que a Literatura hilstiana possui na medida em que abre espaço de voz, de existência e de resistência a grupos até então marginalizados por uma sociedade ainda determinante no que diz respeito a modos de ser e de agir quanto à categoria mulher. Sua literatura, nesse sentido, rompe com estruturas construídas pelo senso comum e nos permite (re)pensar sobre grupos social e politicamente desfavorecidos ao longo da história.

### **Entendimentos sobre a velhice: um breve panorama beauvoriano**

Antes mesmo de realizar algum aprofundamento a respeito da velhice, é preciso pontuar, a princípio, que aquilo que pode ser considerado como velho ou velhice pode não o ser para outra pessoa, sobretudo se considerar que a velhice, como um todo, pode ser vivida e notada a partir de perspectivas diferentes. Tal posicionamento remete à conclusão de que, cronologicamente, determinada pessoa, ainda que seja jovem, considere-se velha; assim como uma pessoa tida como velha também pode considerar-se jovem de espírito, “com vontade para viver, com força física (vitalidade), além de desejos e ambições” (Nascimento, 2021, p. 242).

Desse modo, percebe-se que o processo de envelhecer não é igual para cada sujeito, haja vista que a idade cronológica pode diferir da biológica e vice-versa (Lauenroth; Ioannidis; Teichmann, 2015). Ainda sobre isso, Beauvoir (1970) também concorda que há uma dificuldade na indefinição do início da velhice, uma vez que ela

pode variar não somente de acordo com a época e o local, mas também por estar atrelada a condições materiais da sociedade.

De um lado, a Biologia e as Ciências Médicas informam que o envelhecimento pode ser entendido enquanto um processo que ocorre de forma gradual e multifatorial cuja determinação dar-se-á por fatores tanto genéticos como ambientais (Da Costa *et al.*, 2016), de modo a tornar organismo humano suscetível a diversas alterações fisiológicas responsáveis por tornar difícil a adaptação do sujeito ao meio em que se encontra inserido (Harridge, Lazarus, 2017).

É com a História, por sua vez, que se pode compreender, de forma mais aprofundada, as problematizações sobre o envelhecimento. Historicamente, propagou-se uma associação da velhice a termos como dependência e improdutividade, conforme ressalta Nascimento (2021). Por essa perspectiva, é como se os velhos, a partir do momento em que assim são considerados, viessem sobre eles cargas negativas, o que difere de atributos endereçados, por exemplo, aos jovens, considerados “como o alicerce e, portanto, futuro da sociedade” (Nascimento, 2021, p. 246). Em outras palavras, é como se o branco dos cabelos se associasse à frieza do inverno, ou seja, a neve, destoando, assim, do vigor e calor (do verão) da juventude.

Ao longo do tempo, a velhice assumiu diversos tabus, conforme defende Sibilia (2011), os quais foram responsáveis por uma espécie de conversão dessa etapa da vida em um outro estado que remete à vergonha e que, portanto, precisaria ser ocultado. Assim, a autora apregoa que é negado às pessoas o direito de ser velho, tanto é que até a palavra “velhice” parece não ser permitida, pois carrega, na contemporaneidade, uma importante conotação negativa (Domingues; Freitas, 2019).

Há uma expectativa consensual da sociedade no que se refere aos modos de ser e de agir de pessoas idosas. Nesse sentido, espera-se que esse público permaneça em posição passiva a maior parte do tempo, seja tricotando e assistindo às telenovelas do dia, seja tomando café em sua cadeira de balanço, como se eles estivessem, de fato, apenas esperando pelo fim de suas vidas. Por esta razão, quaisquer práticas que fujam do que é considerado como normal pela sociedade, logo a coletividade passa a encarar os idosos com outros olhos, na maior parte do tempo, preconceituosa e repleta de julgamentos. Há, nesse viés, a negação sobre o fato biológico cultural, que é o envelhecimento (Beauvoir, 2018). Como exemplo mais

específico do fato, basta pensar no quesito da sexualidade durante a velhice: parece utopia pensar que esse público ainda sinta desejo, ambição, vontade extrema de viver e de aproveitar a vida independente da ordem cronológica marcada pelo tempo.

A respeito disso, Pugina e Camâra (2021) demonstram que, em virtude do tabu envolvendo a sexualidade na velhice, existe um engessamento da coletividade ao pensar que o desejo simplesmente some nessa faixa etária. Para as autoras, essa noção só fora criada com fins de afastar o desagradável arquétipo do velho ‘safado’, lúbrico, contrariando, pois, práticas direcionadas até então pelos jovens, como se somente a eles fossem permitidos atos sexuais.

Nesse mesmo entendimento, Moraes (2015) assinala que existe, em torno dos velhos, uma atribuição de uma castidade absoluta, o que se explica o costume, no Brasil, de denominar ‘safado’ aquele velho cujo comportamento demonstra interesse sexual. Como consequência disso, “o erotismo dos idosos fica condenado ao silêncio, até mesmo em tempos que se gabam de uma suposta “liberalidade sexual”. Nada mais difícil, portanto, do que imaginar uma erótica senil” (Moraes, 2015, p. 116). Portanto, demarca-se que os velhos têm sua sexualidade estereotipada por intermédio de interdições que carimbam a velhice feminina a partir de coletividades marcadas, sobretudo, pelo patriarcalismo (Beauvoir, 1967).

É válido realçar que parte desses estereótipos Beauvoir (1970) atribui a modificações de base biológicas surgidas no organismo dos velhos e, sobretudo, à interpretação social de tais transformações, tendo em vista que, em muitas retratações da velhice feminina, descortina-se a misoginia na criação de relações entre idade avançada e, ao mesmo tempo, de feiura e assexualidade.

A respeito de alguns tabus já discutidos aqui, ainda que de forma breve, é necessário destacar que Simone de Beauvoir, já na década de 1970, denunciou diversos desses tabus ao escrever a obra *A velhice* (1970), na qual buscava romper com conspirações cujos silenciamentos circundavam os velhos não somente de seu tempo, mas também os de antigamente e, inclusive, os que ainda imperam na contemporaneidade.

Assim sendo, para construir sua argumentação, Beauvoir (1970) parte da tese de que tanto as mulheres como os idosos compartilham um fato em comum: o de serem (a)percebidos socialmente como meros objetos. Outra crítica da autora reside

no fato de que idosos pobres nunca receberam a devida ênfase, seja na literatura, seja na história. Além disso, ela destaca que, ao se falar de velhice, o discurso endereçado sempre foi ao sexo masculino, o que comprova, para a especialista, que mulheres e pessoas idosas vêm sendo inferiorizadas há séculos.

Grosso modo, a filósofa inicia sua obra relativa à velhice<sup>3</sup> a partir de um profundo estudo de base social, histórico e antropológico e, para tanto, vale-se de exemplos da Índia, Egito, civilizações da Grécia e de Roma, até chegar à Idade Média, à Revolução Industrial e, por fim, à França dos anos 1970. A obra, inclusive, é considerada pioneira no que tange à temática do envelhecimento humano, de modo que influenciou e serviu de base para vários estudos na área da Gerontologia (Santos, 2001).

Em *A velhice*, dentre tantos questionamentos feitos, Beauvoir (1970) buscou compreender por que razões a sociedade costuma dar valor ao sujeito enquanto este ainda é jovem e útil à economia e, alguns anos depois, ao tornar-se idoso, costuma concebê-lo como um fracasso. Em termos históricos, relembra a filósofa, era função do ancião prever o futuro, fazer chover, transmitir conhecimentos, preservar culturas; entretanto, já em contextos modernos, tais atributos não são mais significantes, já que as pessoas mais velhas teriam, supostamente, perdido seus postos e valores na sociedade. Isso revela uma ambivalência que cerceia os mais velhos: de um lado, a sabedoria; de outro, a decrepitude.

Ao invés de valorizarmos a experiência sobrevinda com a idade, a “maturidade”; reduzimos e sufocamos a memória e os projetos dos idosos, roubamos-lhes a confiança, as possibilidades de caminho e de sentido. Também nos recusamos a nos reconhecer no velho que seremos (Beauvoir, 1970, p. 221).

Dessa forma, a velhice é concebida como vergonhosa e indecente ao longo da história, sendo tomada, constantemente, na impessoalidade, como se o fato de envelhecer dissesse respeito apenas ao ‘outro’, e nunca ao ‘eu’, razão pela qual Beauvoir concebe a velhice como uma “realidade incômoda”. Para a estudiosa, a

---

<sup>3</sup> Ressalta-se que, na obra, a escritora privilegia o uso do termo ‘velhos’ em detrimento de ‘idoso’ não para demarcar viés preconceituoso. O uso do primeiro termo dá-se porque, na França do século XIX, pessoas acima de 60 anos eram reconhecidas como ‘velhos’. A respeito da substituição do termo ‘velho’ por ‘idoso’, conforme alude Nascimento (2021), “ocorreu nas últimas quatro décadas, em razão da conotação negativa que o termo reflete” (Nascimento, 2021, p. 246).

velhice diz respeito a uma realidade capaz de incomodar tanto aos outros que se torna difícil nos reconhecemos na pessoa velha, pois “(...) nos recusamos a nos reconhecer no velho que seremos” (Beauvoir, 1970, p. 221). Ainda sobre isso, ela complementa: “como em nós, o velho é o outro, a revelação de nossa idade vem, normalmente dos outros” (Beauvoir, 1970, p. 12).

Tal fato vai ao encontro de um dos pontos principais e fundamentais de toda a sua obra: o entendimento de que “o velho é o outro”. Domingues e Freitas (2019, p. 13), ao debaterem sobre esse tópico, elucidam que “ser o outro quer dizer ser algo que não cabe a mim definir, mas sim ser constituído por meio de uma alteridade que me oprime e restringe minha possibilidade de transcendência”. Em outras palavras, não somos capazes de reconhecer, em nós mesmos, a velhice que se aproxima razão pela qual tentamos escapar dessa condição a todo custo e, quando nos deparamos com a velhice, logo estranhemos as mudanças no nosso próprio corpo. À vista disso, as pessoas tendem a manter a velhice sempre a distância, como se fosse apenas uma possibilidade que não cabe a mim, mas apenas ao outro, ou seja, como se apenas o outro (ele/ela) envelhecesse. Talvez isso ocorra porque “esta transformação é gradual, mal nos damos conta dela” (Beauvoir, 1970, p. 11).

Por se tratar de uma realidade que nos incomoda, muitos buscam meios e/ou ferramentas que prometem retardar o envelhecimento humano, como a aplicação de ácidos, vitaminas que vendem a ideia de uma pele cada vez mais jovial, tendo em vista que as rugas evidenciam, dentre tantos aspectos, o fracasso em tentar permanecer jovem (Sibilia, 2011). Na contramão disso, Beauvoir (1970, p. 29) alerta que “esta deterioração é fatal, ninguém lhe escapa”.

Por fim, percebe-se que o trabalho pioneiro de Beauvoir destaca-se em decorrência da possibilidade não só de se pensar como também de se colocar em foco questões do corpo, da alteridade e da temporalidade de forma contextual tanto na cultura quanto na história, ampliando os horizontes daquilo que se compreende por *velhice*.

### **A velhice feminina às avessas: uma análise das “velhas assanhadas” em Hilda Hilst**

*Berta & Isabô: um fragmento pornogeriátrico rural* trata-se, como o próprio título já alude, de um fragmento teatral pornográfico escrito por Hilda Hilst ainda na década de 1990, mas publicado somente após sua morte. Esse texto foi inserido na obra *Pornô Chic* (2014), que reúne os textos pornográficos da escritora. Alguns críticos, a exemplo de Visnadi (2015), acreditam que o texto é apenas um fragmento solto de alguma produção que a escritora não conseguiu encerrar a tempo.

Na peça, predominam diálogos rápidos e curtos entre duas mulheres, que dão nome ao título do texto. Na conversa entre elas, a temática central é a questão do sexo, o que já se explica no subtítulo do texto: “pornô, juntamente com a palavra geriatria, que faz menção à idade avançada das personagens. (Pugina; Câmara, 2021, p. 396). Já o termo ‘rural’, nos dizeres de Amaral (1976), remonta ao local no qual as duas idosas convivem, o que se confirma, nos diálogos das personagens, pelo uso da variante linguística tida como caipira, conforme se nota no trecho a seguir:

ISABÔ: Ai, Berta, to mar... tive uns presságio... Vi uma véia tão véia coçando oiti na esquina.

BERTA: Iiii, Isabô, essas coisa de coçá o oiti se chama prurido senir... daqui pra poco nós tá iguarzinha. Te lembra do tio Ledisberto? mandava a Eufrosina fica fazendo cafuné nos cabinho do cu dele. (Hilst, 2014, p. 239)

Além do dialeto caipira presente, é de se perceber também a nomenclatura utilizada para nomear as personagens. Moraes (2015) acredita que os nomes são frutos de inspiração nas irmãs Brontë: a Isabel de *O morro dos ventos uivantes*, da escritora inglesa Emily Brontë, e a Bertha Mason, de *Jane Eyre*, da escritora Charlotte Brontë. Sobre isso, a estudiosa elucida que Hilda Hilst, ao revés do puritanismo vitoriano em que as escritoras oitocentistas foram obrigadas a viverem, constrói uma narrativa paralela às avessas na medida em que, no tecido literário hilstiano, impõe a falta de pudor e decência na forma como introduz suas protagonistas “cujas idades avançadas não impedem a prática das mais atrevidas atividades lúbricas” (Moraes, 2015, p. 115). Ao refletir sobre isso, Pécora (2013, p. 63) conclui que Berta e Isabô representam justamente as “irmãs Brontë do brejo”.

Essa menção, ainda que implícita, às irmãs Brontë pode ser compreendida como uma tentativa de aproximar a alta literatura à supostamente baixa, representada

pela fala roceira que representa parte da cultura do interior paulistano. Com isso, “a escritora faz tabula rasa dos discursos mais díspares (...) sem falar da profusão de obscenidades populares” (Moraes, 2015, p. 116), conforme se pode notar no excerto abaixo, em que a própria escritora se cita por meio de suas personagens.

BERTA: Iiii, Isabô, tu tá tão porca que tá parecendo aquela véinha curta da Hirda, como é que é mesmo?, a Hirste.

ISABÔ: Iiii, essa véia é safada. Porca, porca, mesmo curta. Imagine só que gente que mora neste país.

(Hilst, 2014, p. 239)

Nos diálogos que se seguem, as personagens, sem apresentar nenhum resquício ou pudor do assunto de qual falam, compartilham suas próprias experiências sexuais que tiveram com seus parceiros, revelando que a idade avançada não é um empecilho para se falar e, muito menos, para deixar de se praticar aquilo que desejam e/ou sentem vontade.

ISABÔ: Berta, eu adoro roxo. Tu te lembra do Zequinha? Menina, que home. Quando ele metia eu via tudo roxo, lilás, bordô.

BERTA: Bordô o que qui é, hein, Berta? É cor de jabuticaba, é?

ISABÔ: Tu é ignorante, imagine, bordô é... Ah, num sei explicá, é uma cor muito bonita.

BERTA: É cor de xereca de vaca?

ISABÔ: Ih...., boba, xereca de vaca é vermeia.

BERTA: Tá mais pra cu de boi?

ISABÔ: Tu só pensa nas parte de baixo.

(Hilst, 2014, p. 239)

Na cena, Hilda evidencia um erotismo prosaico e, também, marcado pela susceptibilidade à evolução e à passagem temporal. Para Moraes (2015), isso serve para que se desminta a noção de que o ‘bom velhinho’ seja casto e que a figura do ‘idoso perverso’ pode surgir como uma ameaça aos modelos positivos da família na sociedade.

Tanto Berta quanto Isabô, neste caso, quebram com essa noção linear de que aos velhos cabem determinados assuntos em detrimento de outros. Na cena, isso é notório a partir das temáticas debatidas, como o sexo ativo na velhice. Há uma intensificação dessa representação com a introdução, na peça, de um personagem

masculino, responsável por atizar, ainda mais, a conversa e o pensamento erótico das amigas.

Batem na porta. É Seo Quietinho.

BERTA: Quem é, meu deus? (Olha pela janela) Ai, Vige Maria, é o Quietinho, tá loco pra fazê aquelas coisa com a gente.

ISABÔ: Que coisa tu qué dizê, hein?

BERTA: Aquilo que tu fazia com o Tonho."

(Hilst, 2014, p. 239)

Assim como no nome das personagens femininas, o nome do personagem também parece carregar um significado específico. "Seo Quietinho" pode representar aquele que chega às escondidas, de mansinho, quieto para que os outros ao redor da casa das velhas não percebam sua presença. A presença da porta, na peça, parece confirmar essa interpretação porque ela, de acordo com Pécora (2013), refere-se a um moralismo falso e provinciano: a noção da porta para dentro e para fora realiza uma divisão entre aquilo que pode (ou não) ser revelado diante da coletividade e entre aquilo que precisa necessariamente ser ocultado. No caso da peça, são as atividades libertinas e sexuais de três velhos que precisam ser escondidas da sociedade porque, do contrário, seriam censuradas e bastante criticadas.

As personagens idosas da narrativa, contudo, não se diminuem nem se inferiorizam diante de padrões de idade e de gênero, tendo em vista que elas conseguem exercitar livremente sua sexualidade, contestando, inclusive, tanto a objetificação quanto o silenciamento histórico de seus corpos, os quais foram instrumento de controle advindo do sistema patriarcal. Beauvoir (1967) verifica que, em retratações da velhice feminina, além do silenciamento existente, existe também uma misoginia, ainda que mascarada pelo riso, na associação entre idade avançada e, conseqüentemente, feiura e assexualidade. Para a estudiosa, é nessas representações que seus corpos são objetificados, de modo que torna a velhice feminina interdita mediante discursos de inferiorização.

Assim, ora meio do riso ora por meio da paródia, Pugina (2022) destaca que o texto da escritora paulista orienta o surgimento de um pensamento invertido a fim de promover reflexões sobre as impressões em torno da sexualidade feminina na arte do verbal. Em seguida, a estudiosa complementa: "as 'velhas assanhadas' de Hilda Hilst

são libertinas, libertárias, fônicas e conscientes de sua filosofia de vida dentro e fora da alcova” (Pugina, 2022, p. 181). Há, nesse contexto, um desprendimento por parte de todas as personagens hilstianas presentes na peça na medida em que elas fogem do prosaico, do corriqueiro, do padrão, do “normal”.

Ademais, essas aventuras sexuais dos personagens conseguem promover um estremecimento de todas as noções comuns criadas em torno do erotismo simplesmente porque, além de o texto conseguir mostrar três velhos em uma prática de sexo em um trisal, revela ainda uma atividade lúbrica própria: a dos velhos, configurando uma espécie de “erótica senil” – termo pensado por Moraes (2015).

SEO QUIETINHO: Ó de casa! Tu tá aí, Berta? Tu tá aí, Isabô?

BERTA: Tamo não, Quietinho. Hoje num é dia. Num é dia de nada.

SEO QUIETINHO: Por quê?

ISABÔ: É dia de Santa Apolônia que protege os dente.

SEO QUIETINHO: Mas eu vim aqui pra isso mesmo, pois ocês num têm dente... é pra chupa mió.

(HILST, 2014, p. 240)

Essa “erótica senil” pode ser notada a partir da associação existente entre idade e rugas, entendidas aqui na peça como metonímias da velhice, de modo a elucidar a ideia de que o sexo, em si mesmo, também envelhece assim como os sujeitos que o praticam, o que não implica, por sua vez, a sua inexistência.

Ainda sobre a associação entre idade e falta de dentes, aclara-se a ideia de que o sexo, assim como os indivíduos, envelhece, entretanto, não deixa de existir, ocorrendo conforme as possibilidades humanas e tendo, às vezes, vantagens, como visto na alta qualidade do sexo oral oferecido por pessoas desdentadas. (Pugina; Camâra, 2021, p. 408)

Logo, compreende-se que o sexo, ao permanecer na velhice, também passa por mudanças, assim como acontece em paralelo com o restante do corpo humano. Esse envelhecimento acomete, sobretudo, às partes responsáveis pelos prazeres da sensualidade: no caso da peça, a presença da boca que perde os dentes. Contudo, isso não é encarado pelo personagem como um ponto negativo durante a execução do sexo oral, mas como um ponto positivo, já que elas conseguiriam realizar o sexo de forma melhor, ao menos para aquilo que Seo Quietinho queria.

É pertinente perceber também que a maior parte do diálogo entre os três personagens ocorre fora da casa delas, haja vista que o personagem ainda precisa insistir bastante para que consiga adentrar. Quando finalmente as personagens abrem a porta, é possível notar que as mulheres o fazem, talvez, com receio de que outras pessoas ao redor ouçam a conversa, o que poderia causar censura e/ou preconceitos por parte de quem escutasse.

ISABÔ: Abre logo, que a vila inteira vai sabê dessas luxúria.  
Abrem. Entra Quietinho.  
SEO QUIETINHO: Óia cumé qui eu já tô.  
BERTA: Hoje num quero. Acabei de bochechá.  
ISABÔ: Ah..., eu quero. Óia como eu tô arripiada.  
(Hilst, 2014, p. 240)

De início, uma personagem resiste às investidas de Seo Quietinho ao dizer que não queria, ao menos, não naquele dia. Por outro lado, a outra mulher assume o próprio desejo que sente, ao contrário da anterior que o renega desta vez. Nesse aspecto, há uma cumplicidade feminina a respeito do homem que elas mesmas compartilham, sem que haja uma necessidade de disputa entre ambas. Esse fragmento, assim como nos demais textos hilstianos, vem contestar “imagens idealizadas da sexualidade que povoam tanto os tradicionais discursos de defesa da moralidade quanto os modernos catecismos do consumo” (Moraes, 2015, p. 119).

A esse respeito, Beauvoir (1967) destaca que existem diversas maneiras de cercear a liberdade feminina desde a infância até a velhice, como a proibição das relações sexuais; a imposição do matrimônio e da maternidade, sinônimos de felicidade e de realização pessoal para as mulheres; a exigência da virgindade; as restrições aos espaços domésticos, etc. Em contrapartida, quando Hilda constrói personagens complexos e particulares como Berta e Isabô, forma-se uma inversão, um universo de personagens femininas às avessas, haja vista que não respeitam, tampouco seguem as moldagens impostas pelo patriarcado em relação, acima de tudo, à negação da sexualidade na terceira idade.

Percebe-se, nesse diapasão, que as personagens desconstróem convenções discursivas estabelecidas em torno da “velha assanhada”, responsável por projetar diversos retratos de anciãs indesejadas e indevidamente sexuadas. Berta e Isabô, ao

revés dessa perspectiva, compartilham livremente suas experiências sexuais ativas, revelando-as enquanto seres que não se prendem a padronizações.

Esse feito pode gerar um estranhamento do ponto de vista cultural porque não é de se esperar que, na contemporaneidade, duas mulheres, acima de tudo já idosas, compartilhem, no ato sexual, de um mesmo homem. Ao fazerem isso, as personagens escancaram noções que fogem do estereótipo da modernidade e que podem escandalizar àqueles ao redor. Berta e Isabô, nesse sentido, podem ser vistas como senhoras de idade avançada que, ao invés de preferir dedicar suas horas da tarde ao crochê, por exemplo, preferem passatempos menos castos, conforme relembra Moraes (2015).

### **Considerações finais**

O Dia Mundial de Conscientização sobre a Violência contra a Pessoa Idosa é comemorado no dia 15 de junho e teve sua instituição em 2011, pela Organização das Nações Unidas (ONU), com a finalidade não só de chamar a atenção das pessoas para a existência de violações diversas no que se refere aos direitos dos idosos, como também divulgar e informar modos para que denúncias sejam registradas e, portanto, possam ser combatidas. Alinhado a isso, o Dia Nacional do Idoso e Dia Internacional da Terceira Idade, comemorado em 1º de outubro, é outra data importante no que tange à participação dos idosos e aos cuidados com esse público, pois, além de homenagear pessoas idosas, a data também intenta promover a conscientização e a sensibilização da sociedade sobre as necessidades do público-alvo.

Não obstante haja datas específicas do ano que se dedicam aos idosos, os dados de violência contra eles ainda são alarmantes e nos instiga a repensar práticas e atitudes. De acordo com o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH)<sup>4</sup>, o 'Disque 100', de janeiro a 2 de junho, registrou mais de 35 mil denúncias de violações de direitos humanos contra pessoas idosas no ano de 2022. É válido lembrar que esse número deve ser ainda maior se considerarmos os casos de violência velada, ou seja, aqueles que não chegam a ser subnotificados.

---

<sup>4</sup> Informação disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2022/junho/disque-100-registra-mais-de-35-mil-denuncias-de-violacoes-de-direitos-humanos-contra-pessoas-idosas-em-2022>. Acesso em: 19. jun. 2023.

Trata-se, assim, de uma problemática urgente e bastante necessária de mudanças no panorama atual, e a literatura pode ser um meio no qual a discussão encontra resquício e espaço de debate, haja vista que escritores contemporâneos têm se preocupado, cada vez mais, em tornar verossímil, ainda que por meio da ficção, vivências de sujeitos que ainda sofrem sob processos de exclusão e, acima de tudo, de violências múltiplas.

Em um cenário marcado por um alto número de violências contra a pessoa idosa, Hilda Hilst utiliza-se de sua literatura para oferecer um espaço em que eles possam ser tudo aquilo que desejarem, desde os mais lúbricos, até os mais castos. Ao construir, em sua obra, personagens idosas que fogem de normas preconizadas por um sistema patriarcal, a escritora assume sua posição de luta e compreende o seu ofício: o de oferecer existência e resistência aos que não conseguem por si próprios.

Na ficção, ou melhor, na narrativa analisada, vimos a construção de personagens femininas idosas cujos comportamentos parecem construir um erotismo suscetível à passagem do tempo cronológico, mas não biológico, haja vista que esse último fator não é capaz de ditar aquilo que elas podem ou não realizar. Assim, ao fugir de determinados moldes que inserem o idoso em cárcere socialmente e ideologicamente privado, Hilda evidencia as múltiplas formas de ser e de agir, livres de quaisquer preconceitos, censuras e/ou interdições. Suas personagens, na contramão disso, são livres para desejarem e se deixarem ser queridas, independente daquilo que a coletividade poderia dizer sobre suas práticas.

Não se torna surpresa nenhuma, portanto, que Hilda Hilst tenha se destacado na produção literária por, dentre tantos motivos, confrontar interdições de gênero direcionadas, de forma milenar, às mulheres pelo patriarcado, conforme preconiza Pugina (2022). Em *Berta & Isabô: um fragmento pornogerátrico rural*, as personagens ainda parecem viver um mundo utópico, dados os números elevados de violação de direitos de pessoas idosas. De todo modo, a construção da narrativa pode representar justamente o ideal esperado para esse público: que consigam falar abertamente sobre temáticas cujos assuntos lhe são negados cotidianamente; que possam existir, resistir e, acima de tudo, escolher, por si mesmos, a forma como decidem viver em um mundo ainda cerceado por estereótipos e preconceitos diversos.

As “velhas assanhadas” de Hilda Hilst, portanto, assim como os seus companheiros, têm a possibilidade ao sexo e ao desejo do gozo. Assumindo uma condição de mulheres libertárias, independentes e, acima de tudo, sexualmente ativas, representam, desse modo, o retrato inteiramente invertido de mulheres idosas construídas e formadas por moldes patriarcais (Beauvoir, 1967).

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, A. *O dialeto caipira*. 3. ed. São Paulo: Hucitec-SCET-CEC, 1976.
- BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.
- BEAUVOIR, Simone de. *Mal-entendido em Moscou*. Rio de Janeiro: Record, 2016.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Trad. de Sérgio Milliet. São Paulo: Difel, v.2, 1967.
- DA COSTA, João Pinto *et al.* A synopsis on aging - theories, mechanisms and future prospects. *Ageing research reviews*, v. 29, p. 90-112, 2016.
- DOMINGUES, Rafaela de Campos; FREITAS, Joanneliese de Lucas. A fenomenologia do corpo no envelhecimento: diálogos entre Beauvoir e Merleau-Ponty. *Rev. Subjetividades*, Fortaleza, v. 19, n. 3, p. 1-13, dez. 2019.
- HARRIDGE, Stephen D. R.; LAZARUS, Norman R. Physical Activity, aging, and physiological function. *Physiology*, v. 32, n. 2, p. 152-161, 2017.
- HILST, Hilda. *Pornô chic*. São Paulo: Globo, 2014.
- LAUENROTH, Andreas; IOANNIDIS, Anestis; TEICHMANN, Birgit. A proposed panel of biomarkers of healthy ageing. *BMC Medicine*, v. 13, n. 1, p. 222-230, 2015.
- MILLER, Sarah Clark. The lived experience of doubling: Simone de Beauvoir's phenomenology of old age. *In: The existential phenomenology of Simone de Beauvoir*. Springer, Dordrecht, 2001. p. 127-147.
- MORAES, Eliane Robert. Aquelas coisas e um pouco mais: a erótica senil. *In: REGUERA, N. M. de A.; BUSATO, S. (Org.). Em torno de Hilda Hilst*. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2015.
- NASCIMENTO, Marcelo de Maio. A velhice segundo Simone de Beauvoir: considerações para uma gerontologia do envelhecimento. *Corpoconsciência*, Cuiabá-MT, v. 25, n. 3, p. 237-250, 2021.
- PÉCORA, Alcir. As irmãs Brontë do brejo. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, ano 9, n. 99, dez. 2013.
- PUGINA, Rosana Letícia. As “velhas assanhadas” de Hilda Hilst: uma análise de três textos pornográficos. *Matraga*, v. 29, n. 55, p. 171-183, jan./abr. 2022.
- PUGINA, Rosana Letícia; CÂMARA, Yls Rabelo Câmara. Riso e obscenidade questionadores em Berta & Isabô: um fragmento pornogeriátrico rural, de Hilda Hilst. *Antares*, v. 13, n. 30, maio/ago. 2021.

SANTOS, Silvana Sidney Costa. Envelhecimento: visão de filósofos da antiguidade oriental e ocidental. *Revista brasileira de enfermagem*, v. 2, n. 1, p. 88-94, 2001.

SIBILIA, Paula. A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice: o corpo velho como uma imagem com falhas. In: GOLDENBERG, Mirian (Org.). *Corpo, envelhecimento e Corpo, envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

VISNADI, M. de C. A velha assanhada – anotações para a história de uma prática. *Opiniões*, Revista dos alunos de literatura brasileira, Dossiê literatura e sexo: questões estéticas e/ou morais, Universidade de São Paulo, v. 4, n. 6/7, 2015.